

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39158</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Entre altos e baixos: momentos significativos vivenciados por casais longevos

Between ups and downs: significant moments experienced by long-lived couples
Entre alto y bajo: momentos significativos vividos por parejas longevas

Talita Cristina Grizólio¹

orcid.org/0000-0002-6070-286X
talitagrizolio@usp.br

Manoel Antônio dos Santos¹

orcid.org/0000-0001-8214-7767
masantos@ffclrp.usp.br

Fabio Scorsolini-Comin¹

orcid.org/0000-0001-6281-3371
fabio.scorsolini@usp.br

Recebido em: 15 set. 2020.

Aprovado em: 9 maio 2022.

Publicado em: 23 out. 2023.

Resumo: Na convivência de longa duração, os momentos considerados significativos pelos casais são importantes referências para se entender a satisfação com os modos de se relacionar a dois. O objetivo deste estudo foi compreender como casais engajados em relacionamentos de longa duração percebem os "melhores" e "piores" momentos vivenciados na conjugalidade. Entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com 25 casais heterossexuais, que estavam juntos, em média, há 39,5 anos. As entrevistas transcritas foram submetidas à análise temático-reflexiva. A experiência da parentalidade e a convivência familiar foram identificadas como os melhores momentos e, como piores experiências, o enfrentamento do adoecimento ou morte de um membro familiar e dificuldades financeiras. Conclui-se que, para os casais entrevistados, convivência familiar e cuidados parentais são percebidos como determinantes da satisfação conjugal. As relações conjugais são classificadas de forma dicotômica, como boas ou ruins, a partir de fatos pontuais que eliciam satisfação ou insatisfação com o relacionamento, sem considerar que o vínculo amoroso é dinâmico e, portanto, sensível a melhores e piores momentos.

Palavras-chave: relações conjugais, satisfação conjugal, parentalidade, longevidade

Abstract: Long-term relationships can be shaped by moments considered remarkable. Such experiences are an important reference to understand the satisfaction with the ways to build marital bonds. The aim of this study was to understand how couples engaged in long-term relationships perceive the "best" and "worst" moments experienced in conjugality. Twenty five heterosexual couples, united for 39.5 years on average, were interviewed. The transcribed interviews were subjected to thematic-reflective analysis. The experience of parenting and family life were identified as the best moments and, as worst experiences, facing the illness or death of a family member and financial difficulties. It is concluded that, for the couples interviewed, family life and parental care are perceived as determinants of marital satisfaction. Marital relationships tend to be classified dichotomously, as good or bad, based on punctual facts that elicit satisfaction or dissatisfaction with the relationship, without considering that the romantic bond is dynamic and therefore sensitive to better and worse moments.

Keywords: marital relationships, marital satisfaction, parenthood, longevity

Resumen: En la conyugalidad a largo plazo, los momentos considerados notables por las parejas son referentes importantes para comprender la satisfacción con las formas de relacionarse con dos. El objetivo de este estudio fue comprender cómo las parejas que mantienen relaciones a largo plazo perciben los "mejores" y los "peores" momentos vividos en la conyugalidad. Se entrevistó a 25 parejas heterossexuales, en promedio, durante 39,5 años. Las entrevistas transcritas fueron sometidas a análisis temático-reflexivo. La experiencia de la crianza y la vida familiar se identificaron como los mejores momentos y, como peores experiencias, el afrontamiento de la enfermedad o muerte de un familiar y las dificultades económicas. Se concluye que, para las parejas entrevistadas, la vida familiar y el cuidado parental son percibidos como determinantes de la



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil.

satisfação conjugal. Las relaciones maritales se clasifican dicotómicamente, en buenas o malas, en base a hechos puntuales que provocan satisfacción o insatisfacción con la relación, sin considerar que el vínculo amoroso es dinámico y, por tanto, sensible a mejores y peores momentos.

Palabras clave: relaciones conyugales, satisfacción marital, paternidade, longevidad

A vida conjugal é um espaço privilegiado para vivências significativas de forte valência emocional (Carr et al., 2014). No contexto do casamento de longa duração, com mais de 15 anos de união, é preciso considerar que o relacionamento já passou por diversas transformações (Costa & Mosmann, 2015; Grizólio et al., 2015, 2020; Norgren et al., 2004; Oliveira et al., 2020; Silva et al., 2017).

As transformações experimentadas na intimidade de cada casal não ocorrem isoladas dos movimentos de ordem social, cultural e histórica. É dentro do contexto contemporâneo que a história do casamento passa a incluir não apenas as relações heterossexuais. Esse impulso em direção à mudança não afeta apenas a esfera da intimidade, mas também influencia marcadores sociais, políticos, culturais e legais em relação ao casamento de gays, bissexuais, lésbicas e pessoas trans, entre outros (Alexandre & Santos, 2019). Uma vez que o reconhecimento legal dessas uniões ainda pode ser considerado recente no contexto brasileiro (Uziel, 2021), a literatura sobre os casais longevos tem focado predominantemente nos casais heterossexuais.

Na abordagem dos relacionamentos longevos, a senescência torna-se um tópico incontornável. Essa etapa do ciclo vital vem acompanhada de uma série de mudanças, dentre as quais se destaca o declínio de algumas funções físicas e cognitivas, podendo também haver comprometimentos de ordem psicológica, social e comunitária. Nesse sentido, casamentos de longa duração podem desempenhar um importante papel para a potencialização da qualidade de vida, promoção do autocuidado e do desenvolvimento saudável em idades mais avançadas, compondo um ambiente apoiador e protetivo (Fu & Noguchi, 2018; Skipper & Taylor, 2021).

Nessa direção, o relacionamento conjugal tem sido apontado como um espaço de proteção e

cuidado, além de uma fonte potencial de apoio social e prevenção de conflitos (Lisboa & Féres-Carneiro, 2008). Pessoas felizes no casamento acabam por incentivar o parceiro, reforçando a reciprocidade, felicidade e bem-estar (Carr et al., 2014; Skipper & Taylor, 2021), o que também pode estar associado à longevidade (Whisman et al., 2018). Contudo, embora exista uma associação positiva entre estar casado e melhores índices de saúde, é importante considerar que essa relação só é válida quando há qualidade na união (Carr et al., 2014). Também o tempo de união não é garantia de qualidade do relacionamento conjugal.

Quanto aos fatores marcadamente negativos na experiência da conjugalidade destaca-se a vivência do adoecimento de um membro familiar, como dos filhos. Nesse contexto adverso, o enfrentamento da doença aguda ou crônica tende a gerar mudanças na dinâmica familiar. Ser casado pode ser considerada uma variável protetiva nesse contexto (Dhindsa et al., 2020). Além disso, a conjugalidade pode assumir tanto um papel de mantenedora do laço afetivo, como uma dimensão sensível que é diretamente afetada por situações de luto, por exemplo, que repercutem negativamente no relacionamento (Morelli & Scorsolini-Comin, 2016). Ainda sobre o luto na conjugalidade, percebe-se que a morte de um ente querido e, principalmente, de um membro familiar mais próximo, demandará uma reorganização da dinâmica familiar, implicando em desafios ao casal. Esses desafios têm sido especialmente relatados em função da pandemia da COVID-19 (Prime et al., 2020), contexto este que deverá ser acompanhado nos estudos vindouros da conjugalidade.

Além das dificuldades acarretadas pelo adoecimento de um familiar, a questão financeira também compõe um dos principais alvos de conflito na conjugalidade (Mosmann & Falcke, 2011), sobretudo em situações de divergência na alocação de recursos ou diante de crises financeiras. Outro fator potencial para o desentendimento marital é a educação dos filhos (Grizólio et al., 2015).

É importante considerar que estudos sobre

conjugalidade estão fortemente associados a indicadores de saúde, bem-estar e satisfação, com prevalência de investigações no contexto internacional (Dhindsa et al., 2020; Prime et al., 2020). Pesquisas que abordam os fatores desenvolvimentais da dinâmica conjugal ao longo da vida ainda são menos expressivas (Campos et al., 2017; Goulart et al., 2019; Scorsolini-Comin et al., 2018).

O casamento ainda é um ritual valorizado e validado pela sociedade contemporânea. No entanto, diversos desafios, como a convivência diária, situação financeira, a parentalidade e os processos de saúde-doença podem compor estressores significativos (Mosmann & Falcke, 2011; Prime et al., 2020). Os casais de longa duração despertam um interesse tanto científico quanto social, possibilitando problematizar o modo como o casamento tem se apresentado em nossa sociedade, o que nos leva à necessidade de cotejar não apenas fatores da diade como a inscrição social desse fenômeno na cultura contemporânea e diversos elementos associados à família, como a parentalidade, a violência e as próprias transformações oportunizadas na contemporaneidade (Silva et al., 2020).

Acerca dos casais longevos, especificamente, muitos questionamentos tornam-se legítimos: quais as razões para a manutenção do casamento? Quais as estratégias empregadas para a resolução de conflitos e para a perpetuação do relacionamento? Embora esses questionamentos já tenham sido endereçados na literatura científica (Goulart et al., 2019; Grizólio et al., 2020; Silva et al., 2017), pode-se questionar em que medida os momentos considerados significativos nesses relacionamentos podem permitir uma compreensão do casamento para além de marcadores que assinalam a permanência (Scorsolini-Comin et al., 2018), mas em seus processos de instabilidade e mudança, os seus "altos e baixos" como um fenômeno dinâmico e demarcador de um fenômeno desenvolvido ao longo do tempo.

Com isso, conhecer os "altos" e "baixos" do relacionamento conjugal, na perspectiva dos próprios cônjuges que mantêm uma vida em comum

há mais de três décadas, pode contribuir para elucidar aspectos cruciais para a manutenção da conjugalidade, mediante a busca de equilíbrio entre satisfação e insatisfação dos casais (Goulart et al., 2019). A partir desse panorama, este estudo teve por objetivo compreender como casais engajados em relacionamentos de longa duração percebem os "melhores" e "piores" momentos vivenciados na conjugalidade, ao longo dos anos de convivência conjugal, ou seja, os momentos mais marcantes e significativos dessa experiência.

Método

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo exploratório amparado na abordagem qualitativa de pesquisa. A organização do estudo seguiu as recomendações do protocolo *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ), que orienta a construção e o relato de estudos qualitativos a partir da verificação de 32 itens distribuídos em três domínios: (a) caracterização e qualificação a equipe de pesquisa, (b) desenho do estudo; e (c) análise dos resultados, de modo a garantir a qualidade dos estudos (Tong et al., 2007). Esses itens foram verificados tanto na composição do projeto inicial como na descrição do presente estudo.

Participantes

Foram entrevistados 25 casais heterossexuais, unidos consensualmente (união civil ou estável) havia, no mínimo, 30 anos, sem terem se separado em algum momento do relacionamento, sem estarem em processo de separação conjugal, em coabitação e que tinham pelo menos um filho. A necessidade de possuir pelo menos um filho foi elencada a partir da literatura que tem pontuado que a parentalidade compõe um marcador envolvido na manutenção dos casamentos longevos (Grizólio et al., 2015).

Instrumentos

Foram empregados os seguintes instrumentos,

elaborados pelos pesquisadores especificamente para esta investigação: (a) entrevista semiestruturada com cada cônjuge, incluindo perguntas sobre como o casal se conheceu, momentos considerados positivos e negativos ao longo da união, momentos mais significativos, a experiência da conjugalidade longeva, bem como da parentalidade; (b) entrevista semiestruturada com o casal, para extrair informações básicas, como idade, escolaridade, religião e número de filhos, abrangendo, ainda, questões como a transição para a conjugalidade, a construção da intimidade do casal e as estratégias utilizadas para enfrentar as dificuldades encontradas no decorrer dos anos de convivência. No presente estudo, foi realizado um recorte que priorizou os relatos acerca dos momentos considerados marcantes ou significativos pelos próprios cônjuges, buscando acessar quais eventos do cotidiano compartilhado os casais associavam como mais positivos ou mais negativos em relação à manutenção do casamento. Esses recortes foram realizados a partir da aplicação de ambos os instrumentos.

Procedimento

Coleta de dados. Os primeiros participantes foram abordados a partir de contatos realizados a partir da rede social dos pesquisadores e, posteriormente, indicados mediante o procedimento conhecido como "bola de neve", em que cada participante indicava outro possível voluntário para a pesquisa. As entrevistas foram realizadas por uma equipe de pesquisadores com formação em Psicologia, todos com experiência em coleta de dados qualitativos e com treinamentos na realização de entrevistas. Todo o processo de seleção, formação e treinamento dos pesquisadores foi coordenado por um psicólogo e docente da área de Psicologia. O processo analítico foi conduzido pela mesma equipe. Antes do início das entrevistas os participantes foram esclarecidos acerca do estudo e de todos os aspectos éticos envolvidos por meio da leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após esclarecimentos, os voluntários foram orientados a assinar o TCLE se estivessem

de acordo com as condições apresentadas. Só foram incluídos casais em que ambos os cônjuges concordaram em participar. Para manter o anonimato, os participantes foram identificados por números.

Inicialmente, entrevistou-se cada cônjuge separadamente e, em seguida, realizou-se a entrevista com ambos, resultando em um total de três entrevistas por casal, totalizando 75 entrevistas. A entrevista individual teve em média duração de uma hora e meia e a entrevista de casal teve, em média, duração de uma hora. A realização desses dois momentos de entrevistas (individual e com a díade) teve como objetivo acessar a interação entre o casal e, também, permitir, caso necessário, que os participantes tivessem mais liberdade para falar acerca da sua conjugalidade, o que, em alguns momentos, podia demandar a necessidade de que o(a) cônjuge não estivesse presente. Como a coleta ocorreu nas residências dos entrevistados, cuidou-se para que, durante a coleta individual, o outro cônjuge estivesse em outro cômodo que não permitisse o acesso ao conteúdo da entrevista. Todas as entrevistas foram audiogravadas mediante consentimento dos participantes e, posteriormente, transcritas na íntegra e literalmente para a composição do *corpus* deste estudo.

Análise dos dados. A análise dos dados das entrevistas foi elaborada em dois momentos distintos. No primeiro, foi realizado um recorte das entrevistas individuais e de casal a partir das menções aos "melhores" e "piores" momentos vivenciados por eles, haja vista que essas perguntas faziam parte tanto do roteiro individual quanto do casal. Esses momentos foram contabilizados em termos de frequência de menções, destacando-se os quatro momentos considerados mais marcantes, ou seja, com maior frequência ou maior número de menções (dois momentos considerados mais positivos e dois mais negativos). Em um segundo momento, esses trechos foram submetidos à análise temático-reflexiva (Braun & Clarke, 2019), visando à construção de eixos temáticos que representassem os significados atribuídos aos momentos elencados como bons

e ruins durante o casamento, a partir das falas dos participantes. A interpretação dos resultados ocorreu a partir da literatura científica da área de conjugalidade, especificamente relacionada aos casamentos de longa duração no contexto brasileiro (Costa & Mosmann, 2015; Grizólio et al., 2015, 2020; Margelisch et al., 2015; Norgren et al., 2004; Oliveira et al., 2020).

Aspectos éticos

Este estudo foi realizado mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Protocolo n° 2011/2162).

Resultados e discussão

Os casais entrevistados são provenientes de cidades do interior dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo. Quanto ao perfil da amostra, os casais estavam unidos havia 39,48 anos em média ($DP = 6,76$), com média de idade de 64,06 anos ($DP = 13,26$) e 3,48 filhos, aproximadamente ($DP = 1,58$). A idade mínima dos participantes foi 51 e a máxima 82 anos, e o menor tempo de união observado foi de 32 anos e o maior de 53 anos.

Acerca do nível de escolaridade, a maioria das esposas tinha ensino fundamental incompleto ($n = 11$; 44%), o que também se observou em relação aos esposos ($n = 15$; 60%). Em relação ao trabalho, a maioria das esposas era dona de casa ($n = 15$; 60%). No que diz respeito às ocupações mais frequentes dos maridos foram observadas: motorista, pedreiro e aposentado, cada uma com três registros, correspondendo a 36% da amostra. Sobre a religiosidade, a maioria das esposas autodeclarou-se católica ($n = 18$; 72%), dado que se repete em relação aos maridos.

A partir da análise temático-reflexiva (Braun & Clarke, 2019), os resultados foram agrupados em quatro eixos temáticos, de acordo com recorrência nos relatos: Tema 1 – A centralidade da experiência da parentalidade; Tema 2 – Valorização da convivência familiar diária; Tema 3 – Questões existenciais: adoecimento e morte; Tema 4 – Impacto das dificuldades financeiras na rotina do casal; Tema 5 – Entre altos e baixos.

A seguir, esses trechos serão apresentados e discutidos em profundidade.

Tema 1 – A centralidade da experiência da parentalidade

Nesse tema os casais evidenciaram suas experiências afetivas com os filhos, relatando que o melhor momento da vida conjugal estava relacionado à convivência com os filhos nas suas várias fases de desenvolvimento, como nascimento, infância, adolescência, e nos marcos de transição, como rituais de formatura e casamento, ou mesmo o convívio diário e contínuo.

Ai, assim, foi o nascimento dos meninos! Isso é uma coisa assim, que só quem tem é que pode falar, sabe? [risos] Isso aí é um momento único da gente. (...) Assim, na mesma hora assim, você sente muito medo, porque é uma responsabilidade. (Esposa 12, 53 anos)

Neste excerto de fala, a participante atribui ao nascimento dos filhos um significado de experiência marcante no seu casamento, delineando esse evento como o melhor momento vivenciado. Na contemporaneidade, o ambiente familiar passa por diversas transformações que repercutem na vida conjugal, sendo que a chegada dos filhos representa, muitas vezes, uma espécie de transição para um outro modo de se relacionar, pois impõe adaptações e ajustamento diádico. Nesse sentido, tem havido mudanças tanto no plano individual como social e conjugal para lidar com as exigências da parentalidade (Grizólio et al., 2015).

As falas dos participantes, como a Esposa 12, desenham um cenário de valorização do cuidado parental. É importante destacar que, com as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, a relação entre conjugalidade e parentalidade se modificou porque, na atualidade, os casais priorizam a solidificação de uma aliança mútua dentro do espaço conjugal, seguida da valorização da sexualidade e, apenas por último, e não necessariamente, a opção por ter filhos, o que constitui uma sobreposição da conjugalidade com a parentalidade (Rios & Gomes, 2009).

Além disso, em uma dimensão política, é pos-

sível perceber hoje que a repercussão do ideário feminista e a abertura gradativa para que a mulher possa exercer com autonomia o direito a fazer suas escolhas, têm influenciado na decisão por não ter filhos, incrementando também a busca de valorização por outras vias que não a maternidade (Emídio & Gigek, 2019). Ademais, Rios e Gomes (2009) afirmam em sua pesquisa com casais heterossexuais que houve aumento na satisfação conjugal desses casais que optaram por não ter filhos. Percebe-se, assim, que alguns casais longevos têm princípios e valores diferentes dos casais contemporâneos, persistindo a valorização da procriação como parte inerente ao projeto do matrimônio. Isso ocorre em função dos valores transmitidos pelas gerações anteriores para os casais longevos, que exacerbavam a importância do papel parental como modelo de conduta para a geração vindoura (Grizólio et al., 2015).

Eu acho que os dois melhores momentos foi quando nasceram as crianças. Eu tenho na minha cabeça até hoje gravada a cena da hora que eu vi a filha pela primeira vez (...) eu acho que os melhores momentos foram esses de realização de pai. (Marido 19, 55 anos)

Fica evidente que o papel parental e, especialmente, a experiência da transição para a parentalidade foi significativa para os maridos também, sendo elencada como o melhor momento da vida a dois. Nesse sentido, é importante considerar que a função parental está imbuída de aspectos positivos e negativos – embora as acepções positivas tenham sido referidas de modo unânime na presente amostra, e isso ressoará de maneiras diversas na relação conjugal. Observa-se que, apesar das modificações pelas quais passou ao longo da história e no contexto cultural, o casamento ainda mantém uma ênfase nas funções parentais que podem ter um papel decisivo em evocar ou atenuar conflitos entre os parceiros (Grizólio et al., 2015).

Por conta disso, muitos casais que optam por não ter filhos, principalmente os que compõem um casamento longo, podem sofrer preconceito em seu círculo social e familiar. Isso acontece porque a escolha por não ter filhos pode ser vista

como uma atitude desviante, fora do padrão socialmente esperado, uma atitude anormal, egoísta e, até mesmo, faltosa com o dever cívico de reposição da população (Emídio & Gigek, 2019; Rios & Gomes, 2009b).

Dessa forma, mesmo frente às diversas transformações impostas pela modernidade, a conjugalidade parece estar ainda atrelada às funções parentais, principalmente nos relacionamentos longevos, que tendem a reproduzir valores tradicionais herdados da família de origem. Há que se considerar que, na presente amostra, só foram incluídos casais que possuíam pelo menos um filho. Ainda que esse critério tenha sido adotado para acessar o modo como a parentalidade se apresenta nesses relacionamentos, há que se destacar que a menção à parentalidade ocorreu de modo expressivo nesses casais, mesmo quando não eram questionados acerca disso, como quando perguntados sobre os momentos mais significativos – o que poderia evocar uma série de experiências para além do ser pai/mãe. Assim, a parentalidade foi descrita como marcante nesses casais, sendo também evocada como um fator que foi considerado em momentos de crise, contribuindo para a decisão de manutenção do matrimônio, aspecto este discutido no estudo de Grizólio et al. (2015).

Tema 2 – Valorização da convivência familiar diária

Neste eixo temático, os casais rememoraram seus melhores momentos a partir de experiências de convivência familiar vivenciadas no dia a dia, evidenciando a simplicidade e a união como valores que proporcionam felicidade e satisfação conjugal. Esses aspectos são fortalecedores da aliança conjugal.

São os melhores momentos, quando nós estamos deitados um com o outro, né, um amando o outro, porque a gente vive... não é só assim... a gente vive não é só por amor, tem o amor e tem a dor, mas nós sabemos dividir e um nunca vai deixar o outro. Se ela estiver doente, eu não posso deixar ela. (Marido 14, 56 anos)

Nesse excerto de fala nota-se a valorização

da convivência diária, favorecendo o diálogo, a cumplicidade, a lealdade e a empatia pelo outro. Nesse sentido, destaca-se que o fenômeno do amor e os relacionamentos amorosos ancoram-se na convivência diária, nas relações sociais que se desenvolvem a partir de conversas informais, que podem envolver atividades cotidianas como comentar novelas, livros, músicas ou qualquer outro assunto que envolva a rotina do casal (Schlösser, 2014). Casais que se comportam de modo empático no relacionamento tendem a tornar o convívio mais feliz e prazeroso, afastando a possibilidade de que os conflitos mal resolvidos possam conduzir à ruptura do vínculo conjugal (Schlösser, 2014; Morelli & Scorsolini-Comin, 2016).

Ah, o melhor momento, deixa eu ver... além de casamento, né, dessas festinhas que a gente fazia, os aniversários, tudo, foi a formatura do filho. Para nós foi uma conquista muito grande, né, porque a gente é, assim, de origem muito humilde, tudo muito simples, muito... A gente conseguir formar um filho para médico não foi brincadeira, né? (Esposa 20, 77 anos)

Nesta fala, a realização profissional do filho é eleita como um dos melhores momentos da vida do casal. Isso é comum em virtude de os genitores depositarem em seus filhos suas esperanças e expectativas, principalmente em relação à educação formal e à profissionalização. Além disso, a parentalidade assume diversas facetas em cada família, podendo ser sinônimo de experiência positiva de aprendizado e realização para o casal (Grizólio et al., 2015).

Neste excerto, em específico, em uma leitura interseccional, pode-se notar que a formação de um filho, que segue a carreira de médico, no caso, representa não apenas a possibilidade de ascensão social para a família, mas também é significada como um resultado do investimento positivo dos pais, da parceria do casal para que essa conquista pudesse se dar. Assim, a realização profissional do filho é também atribuída como um resultado positivo da parentalidade e, igualmente, da conjugalidade.

Ainda, a situação dos casais longevos traz à tona uma necessária discussão sobre os idosos na família contemporânea, que nessa etapa da

vida deixam de ter os cuidados com os filhos como uma atividade central em suas rotinas (Norgren et al., 2004). Essa realidade pode encetar situações conflituosas entre os cônjuges, pois na nossa cultura algumas pessoas que estão em relacionamentos longevos têm os filhos como o principal motivo para permanecerem juntas, e não concebem a possibilidade de serem felizes sem mantê-los por perto (Costa & Mosmann, 2015; Grizólio et al., 2015).

Tais indicadores podem se tornar complicadores futuros do relacionamento a dois. Ao se depositar a felicidade da relação conjugal integralmente nos filhos, o que permanece do vínculo amoroso pode não ser suficiente para manter a satisfação conjugal que, como visto anteriormente, depende de alguns fatores, como a busca de realização de metas e objetivos pessoais e a satisfação sexual (Margelisch et al., 2015). Esses fatores, se negligenciados, possivelmente aumentarão os riscos de conflito marital.

Foram os 33 anos [risos]. Foi o nascimento dos nossos filhos (...). É uma conquista muito grande, né? (...) Estão no nosso íntimo, né? Porque, quando a gente for buscar só nas pessoas... só nos prazeres externos... é uma coisa passageira, vai passar logo, e o que você vai fazer, né? Vai ficar triste porque passou aquele período? Então, esse é um exercício que eu e minha esposa fazemos sempre, que é buscar dentro da gente essa felicidade, que tem de estar dentro de nós. (Marido 13, 52 anos)

Nesse excerto de fala o marido expressa a singularidade de sua relação com a esposa, enfatizando que a felicidade do casal é parte de um processo de construção da vida a dois, a partir da própria convivência e das suas potencialidades. Nesse sentido, pequenos gestos e atitudes dentro do casamento podem proporcionar momentos ricos de interação.

Além disso, a fala do esposo 13 atesta a necessidade de redescricao do relacionamento não apenas a partir de fenômenos externos ao casal, mas por meio de um exercício de reflexão pessoal que parece mais perene que a satisfação promovida pelas experiências que atravessam a relação, como os prazeres denominados "passageiros" pelo entrevistado. Desse modo, o exercício

reflexivo parece ser fundamental na experiência da satisfação conjugal, o que envolve também a partilha desse modo de construir a relação entre a díade.

Tema 3 – Questões existenciais: adoecimento e morte

Neste eixo temático, as doenças e outras complicações de saúde são percebidas como as piores experiências vividas ao longo da conjugalidade, com destaque para as vivências no domínio da parentalidade, como cuidados com a saúde dos filhos e, também, com a manutenção da dinâmica conjugal, prejudicada por hábitos não saudáveis como o abuso de álcool.

O momento mais difícil é... eu bebia, uma época eu bebia muito, então a minha esposa, eu agradeço muito a Deus e ela por isso, dela ter me suportado uns bons anos (...) era muita dificuldade (...) a minha esposa teve uma cabeça bem melhor que a minha, né, porque na minha só cabia bebida. (Marido 2, 57 anos)

Essa fala evidencia o problema do consumo de bebida alcoólica e suas reverberações na conjugalidade. Carvalho et al. (2018) apontam que uso abusivo do álcool afeta negativamente as relações amorosas e parentais, sendo um foco de adoecimento familiar.

Nesse sentido, urge atentar para a tênue relação existente entre a saúde emocional dos indivíduos e seu modo de se relacionar em família (Lisboa & Féres-Carneiro, 2008), pois um relacionamento insatisfatório pode repercutir sistemicamente, afetando os filhos e a família extensa, estendendo o adoecimento e o mal-estar psíquico a outros membros. Notadamente, percebe-se a importância de se compreender como se dão as dinâmicas conjugais, principalmente o modo como as relações amorosas são construídas e se mantêm, pois a estabilidade não significa satisfação conforme se pensa no senso comum. Mesmo sem intimidade e paixão, alguns casais prosseguem com suas vidas conjugais, mais pela necessidade de firmar o compromisso anteriormente estabelecido, do que pela avaliação da gratificação que a relação pode lhes

proporcionar (Rizzon et al., 2013).

Foi a perda do meu filho (...) Você não supera, é o que eu estou te falando, parece que você vive no mundo fingindo que está bem assim por dentro, né, dentro da gente. A gente que é mãe sabe que dói muito, é uma coisa que nunca para de doer. Se eu tenho essa dor todo dia, toda hora, você vai dormir com ela, você acorda com ela, você convive com ela. Porque superar, superar, a gente não supera nunca. (Esposa 4, 66 anos)

Nesse excerto de fala torna-se claro que o pior momento da vida conjugal para essa esposa foi a dor vivenciada ao perder seu filho. A experiência do luto a marcou e ainda criva negativamente sua história de vida. A conjugalidade também pode ser afetada dramaticamente em casos de enlutamento na família, especialmente se a dor da perda não puder ser elaborada a dois e repercutir diretamente na dinâmica conjugal (Morelli & Scorsolini-Comin, 2016).

É importante considerar que casos graves de somatização ou óbito em família podem favorecer a ruptura dos laços conjugais, principalmente quando o vínculo já apresentava fragilidades desde o início da relação (Lisboa & Féres-Carneiro, 2008). Em estudo sobre o processo de reação parental diante da perda de um filho, Morelli e Scorsolini-Comin (2016) notaram que os casais superavam mais rapidamente a situação de luto na família quando se ajudavam mutuamente, pois o compartilhamento na conjugalidade das experiências adversas, a partir de uma relação de cumplicidade preestabelecida, mostrou ser um recurso fundamental para a superação do sofrimento.

As repercussões do luto são diversificadas e, até certo ponto, imprevisíveis. Ao considerar a situação de progenitores idosos, é interessante ressaltar que o impacto pode gerar sentimento de culpa por terem sobrevivido aos filhos, em uma clara inversão da ordem natural da vida. Nesse sentido, todos os sintomas do luto podem ser agravados, em razão da dificuldade de se trabalhar emocionalmente a perda. Além disso, esses casais estão mais sujeitos a experimentarem modificações em seus organismos e, também, o isolamento social (Oliveira & Lopes, 2008). É

válido retomar a ideia de que casamentos de longa duração assumem um importante papel na vida dos idosos, por propiciarem a presença de um parceiro ou parceira que poderá funcionar como fonte de apoio, cuidado e estima (Fu & Noguchi, 2018; Skipper & Taylor, 2021).

Além disso, é importante perceber a intensidade da fala da esposa 4, ao significar o luto pela perda do filho como a experiência mais dolorosa de sua vida, classificando-a como insuperável. De fato, a morte de um filho pode simbolizar uma ferida narcísica que jamais cicatriza totalmente. Isso acontece quando os genitores investem um montante considerável de energia libidinal em seus filhos, projetando neles características que lhes são próprias ou que gostariam de ter. Assim, quando o filho falece, parte substancial do narcisismo dos genitores submerge junto, constituindo uma espécie de morte narcísica dos pais (Oliveira & Lopes, 2008). Em que pese a experiência da parentalidade evocada pelos casais longevos, destaca-se que esse evento é recuperado nos momentos mais significativo tanto quando envolve a realização e o prazer (como afirmado nas entrevistas dos maridos 13 e 19 e da esposa 12) como quando narra o sofrimento e a dor (como relatado pela esposa 4).

Talvez fosse esse momento do ano passado, quando eu tive uma doença, essa... passagem de doença, que... me desestabilizou um pouco... porque não é fácil você ter uma notícia de que você está com câncer. A primeira coisa que vem na sua cabeça é: "Quantos dias? Quantos meses você vai ter de vida?". Então você sente um abalo na sua estrutura, sabe? É como se fosse um terremoto, né? (Marido 12, 64 anos)

A fala expressa por esse marido retrata a dura realidade da luta pela superação de uma doença grave e potencialmente fatal. A presença de um indivíduo adoecido no contexto familiar repercute no cotidiano de seus membros, principalmente em casos de doença crônico-degenerativa, acentuando conflitos e desajustes preexistentes, embora também possa ser uma oportunidade para favorecer a aproximação entre os familiares e o fortalecimento dos vínculos. Assim, uma doença grave pode impactar de forma negativa o equi-

líbrio familiar, ocasionando tensões e rupturas. Contudo, pode ser também uma oportunidade de reforçar os vínculos preexistentes, principalmente quando há certa flexibilidade na família, permitindo que haja mudanças e redistribuição de papéis, de maneira a preservar a continuidade das tarefas antes designadas para outros membros.

Esses reajustamentos são vitais para que se possa fornecer apoio e ajudar os cônjuges a superarem seus problemas, reafirmando a coesão do grupo por meio do reforço dos laços de pertencimento à família (Neris et al., 2018). Assim, mesmo face a mais extrema adversidade, muitas famílias resistem e até revigoram seus relacionamentos, superando as diferenças e incongruências que se tornam mais evidentes com o processo de adoecimento, em prol de manterem o compromisso firmado anteriormente, de mútua proteção. Um desfecho positivo dessa situação pode ser a ressignificação dos vínculos afetivos (Campos et al., 2017).

Tema 4 – Impacto das dificuldades financeiras na rotina do casal

Nesse eixo temático foram agrupadas as falas que aludem aos meandros do convívio diário e às dificuldades de se levar uma vida a dois. Além das tensões que podem permear o processo de contínuo contato com o(a) parceiro(a), nota-se uma ênfase nas questões financeiras, que aparecem como fonte de desentendimentos do casal e, portanto, como fator desfavorável, na medida em que induz ou agrava conflitos que turvam o bom relacionamento dos cônjuges. Como relatado pela Esposa 9 (71 anos de idade): "Foi na época em que os filhos eram pequenos. Falta de dinheiro, entendeu? Foi uma época também difícil até entre a gente. Faltava diálogo. Isso tudo a gente teve que superar, porque não é fácil".

Eu estive desempregado e tinha duas filhas. A gente passou um tempo difícil. (...) Então, quando você não tem as coisas, e então tem pessoas, tem amigo que deixa você de lado, mas ela lesposal sempre, pra mim, ela nunca me deixou. (Marido 14, 56 anos)

Nessas falas, a situação socioeconômica des-

ponta como um dos principais focos de conflito no casal. Alguns participantes comentaram que percebem que, muitas vezes, a dificuldade financeira repercute negativamente na dinâmica familiar, de forma a causar rupturas afetivas ou mesmo dissolver os laços conjugais. Esses dados corroboram estudo anterior realizado no contexto brasileiro, que apontou as restrições econômicas como uma das principais causas de insatisfação e problemas no casamento, impactando em uma maior expressão de conflitos na relação a dois (Mosmann & Falcke, 2011). Além disso, o isolamento social e a precarização econômica desencadeados pela pandemia da COVID-19 agravaram realidades que já eram desafiadoras dentro do casamento (Hank & Steinbach, 2021).

Nessa vertente, é pertinente destacar algumas facetas dos problemas conjugais relacionados ao dinheiro. Uma delas diz respeito à tradicional divisão de gênero, que se reflete em assimetrias na divisão social do trabalho, a despeito dos movimentos sociais, das lutas e bandeiras democráticas das últimas décadas que reivindicaram relações mais igualitárias (Oliveira et al., 2020). Por mais que as desigualdades de gênero venham sendo gradualmente superadas, ainda é marcante a dominação masculina no mundo do trabalho, inclusive com a obtenção de melhor remuneração, em comparação com as mulheres, o que contribui para perpetuar as iniquidades. Ainda persiste entre os homens o sentimento de obrigação de ser o provedor da família, cristalizando os papéis de gênero e as suas expressões.

A convivência familiar pode se tornar uma dificuldade nos relacionamentos conjugais, desencadeando conflitos intrafamiliares, principalmente no que diz respeito aos combinados do casal. Nesse âmbito, as questões financeiras também podem potencializar a criação de dissensos, incrementando conflitos que aumentam o desajustamento conjugal, na medida em que podem gerar desentendimentos, tanto no diz respeito ao modo como se deve executar o orçamento doméstico, quanto no que fazer em casos de desequilíbrio financeiro (Mosmann & Falcke, 2011).

Tema 5 – Entre altos e baixos

Os casais longevos entrevistados parecem, a todo o momento, relatar os momentos marcantes em termos de um equilíbrio entre desafios e recompensas, entre dificuldades e aprendizados, tendendo a reconhecer a experiência da conjugalidade como algo predominantemente positivo ou satisfatório ao longo do tempo. Mesmo com o movimento que denominam como sendo de “altos e baixos”, parecem permanentemente investir no domínio do casal, reafirmando a continuidade da relação.

Olha, existem momentos... e isso é normal em qualquer situação da vida da gente... existem momentos de altos e baixos (...) Existem aqueles momentos assim, de... Eles falam que é crise, né? Falam que a gente passa por crise, tanto do físico da gente, que a gente vai envelhecendo, quanto também o contato prolongado. Essas dificuldades que existem no dia a dia, isso leva a uma crise (...) Às vezes, foi muitas vezes, a maioria das vezes, foi criação de filho. (Esposa 12, 53 anos)

Nesse excerto de fala alude-se a uma ideia de busca de equilíbrio na conjugalidade, ao passo que é feita uma ressalva de que toda relação é permeada por altos e baixos, o que seria um processo natural, encontrado em qualquer envolvimento marital de longa data, com destaque para as dificuldades inerentes ao fato de se manter um contato prolongado e a criação dos filhos. Com isso, muitas vezes, as relações conjugais são classificadas de forma dicotômica, como sendo boas ou ruins, a partir de fatos pontuais, sem considerar que uma relação conflituosa pode estar empobrecida de aspectos positivos em determinado momento, mas não necessariamente é composta apenas de pontos negativos.

Visto sob essa ótica, pode-se mudar o modo de se olhar para o fenômeno das relações conjugais (Schlösser, 2014). As relações amorosas são dinâmicas e, portanto, compostas de melhores e piores momentos. O que definirá se será uma boa relação é o modo como, na maior parte das vezes, o casal vai lidar com seus desafios, posicionar-se ou resolver satisfatoriamente os problemas que permeiam o convívio. Isso envolve as estratégias de resolução de conflitos, a

comunicação adequada e as próprias transformações que se processam com o casal diante dos desafios enfrentados (Campos et al., 2017; Falcke & Mosmann, 2011) e de marcadores significativos como a parentalidade e experiências como as do adoecimento e de dificuldades financeiras, como relatados pelos entrevistados do presente estudo.

Percebeu-se que os momentos mais marcantes dos casais longevos participantes deste estudo estavam positivamente relacionados ao exercício exitoso da parentalidade e à convivência familiar, e negativamente relacionados a dificuldades socioeconômicas e enfrentamento de doença grave por algum familiar. No entanto, é importante considerar que esses fatores transitam entre a manutenção e o desgaste conjugal (Goulart et al., 2019). Isso ocorre porque nenhuma experiência por si só, isto é, isolada do contexto social e familiar, pode ser considerada como algo que vá contribuir para dissolver ou manter um casamento. Assim, alguns fatores podem contribuir para o entendimento do porquê determinadas experiências são tidas como positivas ou negativas pelos cônjuges. Por exemplo, mesmo com dificuldades, um casal que se utiliza da boa comunicação poderá desfrutar de uma relação propiciadora de mais bem-estar.

Por fim, é importante explicitar que o presente estudo investigou apenas casais com mais de 30 anos de relacionamento, que nunca se separaram e que tinham pelo menos um filho, de modo que era esperado que os filhos fossem mencionados em algum momento. Destaca-se a necessidade de pesquisas que enfoquem as estratégias utilizadas pelos casais para resolução de problemas e sua eficácia, sobretudo acompanhando as mudanças observadas nos tipos de conflito que emergem com o passar do tempo tanto em função do ciclo vital, das características particulares dos casais como de transformações sociais que impactem o domínio familiar e de casal. Além disso, são necessários estudos que abarquem casais longevos sem filhos, pois a parentalidade é valorada pelos participantes como componente inerente à vivência da conjugalidade. Portanto, parece ser importante conhecer as repercussões

em casais sem filhos.

O presente estudo traz avanços na área de investigação da conjugalidade, por se tratar de uma pesquisa qualitativa com uma amostra de conveniência expressiva, o que, por outro lado, certamente impõe um desafio substancial para a sistematização dos resultados. Nessa direção, é importante considerar que, por se tratar de um estudo qualitativo, algumas peculiaridades da dinâmica dos casais puderam ser iluminadas, ao passo que outras podem ter sido ofuscadas. Outra limitação é o fato de os participantes terem sua origem em apenas dois estados da região Sudeste, desconsiderando a possibilidade de ampliar o diálogo com diferentes realidades regionais e características sociodemográficas peculiares. Ainda, atesta-se como um limite a não inclusão de uma leitura interseccional na compreensão desses casais, o que demandaria uma investigação mais detida em relação a marcadores sociais, econômicos, identitários e de origem, convite este que se apresenta para novos estudos.

Espera-se que os resultados obtidos encorajem novas investigações no contexto da conjugalidade de longa duração, fenômeno ainda pouco compreendido no contexto brasileiro, permitindo a audiência não apenas de casais heterossexuais. Investigar as repercussões da pandemia da COVID-19 nesses casais, bem como as expectativas da parentalidade longeva pós-pandemia também emergem como aspectos que podem e devem ser endereçados em estudos vindouros nesse campo.

Agradecimentos

Talita Cristina Grizólio recebeu bolsa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fabio Scorsolini-Comin recebeu bolsa de Pós-Doutorado Júnior do CNPq (Processo 501391/2013-4), sob supervisão de Manoel Antônio dos Santos, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, PQ-1A.

Referências

- Alexandre, V., & Santos, M. A. (2019). Experiência conjugal de casal cis-trans: contribuições ao estudo da transconjugalidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(n. spe3), e228629. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228629>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport*, 11(1), 1–19. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69–89. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n1/a06.pdf>
- Carr, D., Freedman, V. A., Cornman, J. C., & Schwarz, N. (2014). Happy marriage, happy life? Marital quality and subjective well-being in later life. *Journal of Marriage and Family*, 76(5), 930–948. <https://doi.org/10.1111/jomf.12133>
- Carvalho, M. R. S., Oliveira, J. F., Gomes, N. P., Santos, M. M., Estrela, F. M., & Duarte, H. M. S. (2018). Interface between conjugal violence and alcohol consumption by the partner. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(suppl 5), 2109–2115. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0540>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16–31. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003
- Dhindsa, D. S., Khambhati, J., Schultz, W. M., Tahhan, A. S., & Quyyumi, A. A. (2020). Marital status and outcomes in patients with cardiovascular disease. *Trends in Cardiovascular Medicine*, 30(4), 215–220. <https://doi.org/10.1016/j.tcm.2019.05.012>
- Emidio, T. S., & Gígek, T. (2019). Elas não querem ser mães: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 11(2), 186–197. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2019v2p186>
- Fu, R., & Noguchi, H. (2018). Does the positive relationship between health and marriage reflect protection or selection? Evidence from middle-aged and elderly Japanese. *Review of Economics of the Household*, 16, 1003–1016. <https://doi.org/10.1007/s11150-018-9406-4>
- Goulart, S. A., Oliveira, A. C. G. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2), e30370. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30370>
- Grizólio, T. C., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long-term marriages. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 663–674. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.29536>
- Grizólio, T. C., Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Razões para a manutenção do laço conjugal diante de eventos críticos em casamentos longevos. *Contextos Clínicos*, 13(3), 762–785. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.133.03>
- Hank, K., & Steinbach, A. (2021). The virus changed everything, didn't it? Couples' division of housework and childcare before and during the Corona crisis. *Journal of Family Research*, 33(1), 99–114. <https://doi.org/10.20377/jfr-488>
- Lisboa, A. V., & Féres-Carneiro, T. (2008). ...Até que a doença nos separe? A conjugalidade e o adoecer somático. *Psico (Porto Alegre)*, 39(1), 83–90.
- Margelisch, K., Schneewind, K. A., Violette, J., & Perig-Chiello, P. (2015). Marital stability, satisfaction and well-being in old age: variability and continuity in long-term continuously married older persons. *Aging & Mental Health*, 1–10. <https://doi.org/10.1080/13607863.2015.1102197>
- Morelli, A. B., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Repercussões da morte do filho na dinâmica conjugal de casais religiosos. *Temas em Psicologia*, 24(2), 565–577. <https://doi.org/10.9788/TP2016.2-10>
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5–16. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002
- Neris, R. R., Zago, M. M. F., Ribeiro, M. A., Porto, J. P., & Anjos, A. C. Y. (2018). Experience of the spouse of a woman with breast cancer undergoing chemotherapy: a qualitative case study. *Escola Anna Nery*, 22(4), e20180025. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0025>
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575–584. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>
- Oliveira, A. C. G. A., Leonidas, C., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Gender roles in long-term marriages: continuance or rupture? *Psicologia Clínica*, 32(2), 251–272. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A03>
- Oliveira, J. B. A., & Lopes, R. G. C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 217–221. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200003>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *The American Psychologist*, 75(5), 631–643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(2), 215–225. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200009>
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41–49. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da Psicologia Positiva. *Pensando Famílias*, 18(2), 17–33. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003

Scorsolini-Comin, F., Alves-Silva, J. D., & Santos, M. A. (2018). Permanências e descontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e34423. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34423>

Silva, I. M., Lordello, S. R., Schimidt, B., & Mieto, G. (2020). Brazilian families facing the COVID-19 outbreak. *Journal of Comparative Family Studies*, 51, 324–336. <https://doi.org/10.3138/jcfs.51.3-4.008>

Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323–335. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220211>

Skipper, A. D., & Taylor, R. J. (2021). Marital and romantic satisfaction among older African Americans. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 41(1), 249–268. <https://doi.org/10.1891/0198-8794.41.249>

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349–357. <https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>

Uziel, A.P. (2021). LGBTQ+ conjugalities: reviewing gender uncertainties. In N. A. Morais, F. Scorsolini-Comin, & E. Cerqueira-Santos, E. (Eds.), *Parenting and couple relationships among LGBTQ+ people in diverse contexts* (pp. 7–23). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-84189-8_2

Whisman, M. A., Gilmour, A. L., & Salinger, J. M. (2018). Marital satisfaction and mortality in the United States adult population. *Health Psychology*, 37(11), 1041–1044. <https://doi.org/10.1037/hea0000677>

Talita Cristina Grizólio

Psicóloga e mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Uberaba, MG, Brasil. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Manoel Antônio dos Santos

Doutor e Livre Docente em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, PQ-1A.

Fabio Scorsolini-Comin

Doutor e livre docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado na área de Tratamento e Prevenção Psicológica pela mesma instituição. Professor Associado do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Endereço para correspondência

Fabio Scorsolini-Comin

Universidade de São Paulo

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas

Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-902

Ribeirão Preto, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.